

DOSSIÊ

A PAISAGEM URBANA E O EXISTIR CITADINO: o círculo cultural como leitura e construção de visualidades e subjetividades em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro

*Lucas Ribeiro da Silva**
*Teresa de Jesus Peixoto Faria***

Resumo

As políticas públicas habitacionais no contexto urbano brasileiro têm sido orientadas por uma lógica técnico-higienista, que desconsidera dimensões sociais, simbólicas e afetivas das paisagens urbanas. Este artigo analisa os efeitos de uma política habitacional sobre os modos de habitar e existir na cidade, a partir da remoção da favela Inferno Verde e da realocação de seus moradores no Conjunto Habitacional João Batista, em Campos dos Goytacazes/RJ, processo que reconfigurou a paisagem urbana. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica, observação participante e experiência antropológica compartilhada, desenvolvidas em um projeto de extensão universitária. O Círculo Cultural, inspirado em Emiliano Dantas e no Círculo de Cultura de Paulo Freire, foi utilizado para acessar narrativas e percepções dos moradores por meio de imagens da paisagem em transformação. Os resultados indicam rupturas dos vínculos comunitários e dificuldades de apropriação do território, revelando descompasso entre a política institucional e as vivências locais.

Palavras-chaves: círculo cultural; paisagem urbana; políticas habitacionais; sociabilidade; intervenções urbanas

* Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais, Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico, Setor de Estudos Interdisciplinares de Estudos sobre Cidade e Espaço Urbano. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucasribeirosv7@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4433-450X> CrediT: Conceitualização, Investigação, Metodologia e Escrita do Rascunho Original

** Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais, Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico, Setor de Estudos Interdisciplinares de Estudos sobre Cidade e Espaço Urbano. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: teresapf@uenf.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8935-2373> CrediT: Aquisição de Financiamento para a publicação do artigo, Administração do Projeto, Investigação, Supervisão e Escrita - Revisão e Edição.

INTRODUÇÃO

O existir urbano na contemporaneidade atravessa inúmeras dimensões, sendo estas políticas, sociais, econômicas, históricas ou espaciais. Dessa forma, cada indivíduo tem dentro de sua trajetória uma experiência singular que se ramifica por diferentes esferas, dentre as inúmeras possibilidades de vivência na urbe. Essa multiplicidade de experiências evidencia que o existir urbano não pode ser compreendido apenas como uma condição espacial, mas também um processo social, simbólico e histórico, em que diferentes sujeitos produzem e vivenciam a cidade a partir de posições desiguais. O entendimento da cidade não deve ser abordado como um dado fixo, mas como uma construção social permanentemente em disputa.

Ao compreender a cidade em meio a um universo urbano, há o substrato material, os prédios, casas, instituições públicas e privadas, espaços livres, favelas, estacionamentos, isto é, a própria materialidade com a qual a cidade se impõe. E, além disso, existe uma trama intangível, que reflete o imaginário, o simbólico, o típico, o cotidiano, o estranho, o corriqueiro, o afetoso, o invisível. Estes aspectos tão distintos formam uma dança moderna que acompanha o dia a dia urbano, a partir da particularidade de cada indivíduo dentro da sua cidade.

Esta dualidade se aproxima da ideia Lefebvrina de cidade, em que o filósofo francês afirma que a cidade se dá pela projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano. Em que se estabelece uma relação entre os termos cidade enquanto “realidade presente, imediata, dado prático sensível, arquitetônico” e o urbano como “realidade social, composta de relações sociais a serem concebidas” (Lefebvre, 2001, p. 62-69). Para Campos *et al.* (2018, p. 8),

A cidade é um universo que pode ser concebido a partir de diversos pontos de vista. É, desde logo, um território, com fronteiras formalmente definidas e com uma geografia que é ocupada por diferentes materialidades e seres (humanos e não-humanos). É, também, um universo social, na medida em que é habitada e vivida, ao longo do tempo, por diferentes pessoas e grupos sociais que vão produzindo a cidade. O espaço e o tempo são, assim, componentes da cidade que é fabricada em camadas, marcada pela permanente mudança da sua paisagem.

É nesse contexto que a paisagem urbana se apresenta como uma chave analítica privilegiada, pois condensa em sua dimensão visível e sensível os processos históricos, sociais e espaciais que estruturam a experiência urbana. A paisagem permite, assim, observar como o espaço vivido se materializa ao longo do tempo.

Como assinalado por Lefebvre e complementado por Campos *et al.* (2018), citados acima, a experiência da paisagem urbana é repleta de destrinchamentos e guiada pela intervenção constante do tempo na paisagem. O caráter espacial da paisagem urbana acompanha um caráter temporal, que a condiciona a constantes transformações, que ora serão dentro da esfera da cidade, por meio de demolições, reestruturações, revitalizações, entre outros nomes, ora na esfera do urbano, em que a materialidade permanece, porém muda-se a percepção da sociedade sobre aquele local, dando lugar para alteridades, heterotopias, mudanças de perspectiva, e também, estigmatização, invisibilidade, marginalidade, entre outras.

Ao apontarmos para a paisagem urbana como ponto de estudo, estamos de frente a um debate longo que envolve diversas áreas do conhecimento, entre elas a geografia, arquitetura, fotografia

e sociologia. A riqueza e a complexidade da paisagem levam a diferentes abordagens e interpretações, o que nos obriga a adotar um ponto de vista que reforça os principais pontos de interesse neste estudo.

Tomemos a paisagem de acordo com o geógrafo e filósofo Jean-Marc Besse (2010; 2014), que a define como a “ordem do mundo que se faz visível” (2010, p. 38), um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, por motivos econômicos, políticos e culturais, em que é gravado o impacto das experiências, costumes, valores e práticas desenvolvidas pela sociedade daquele local.

A paisagem seria [...] uma escrita na superfície da Terra, produto nem sempre consciente nem intencional (mas também pode ser) das atividades humanas. A consideração dessa “escrita paisagística” implica, afinal de contas, certo afrouxamento da distinção entre a esfera artística propriamente dita e as esferas sociais e culturais (Besse, 2014, p. 27-28).

Porém, considerando também o estudo posto pelo arquiteto brasileiro Silvio Macedo (1999), professor emérito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), não podemos entender a paisagem apenas como um produto social, mas também como um sistema:

Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de um determinado território. Como um sistema, na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total (Macedo, 1999, p. 11).

Portanto, Macedo, em consonância com Besse, destaca que a paisagem é o resultado social das diversas ações humanas sobre um determinado território. Isso significa que a paisagem urbana não surge de maneira espontânea; é construída a partir de decisões que orientam a ocupação, o uso e a gestão do espaço. Cada edificação, via, marco, construção ou forma de organização espacial expressa relações sociais específicas e modos de produção que estão se materializando no território. Nesse sentido, a paisagem funciona como um registro visível, e também vivível, das práticas sociais acumuladas no tempo.

No entanto, por se tratar também de um sistema, fica enfatizado o caráter relacional que a paisagem apresenta. Não se trata apenas do resultado final ou parcial de um processo social, mas também de um conjunto de elementos interdependentes que interagem entre si e com a sociedade. Assim, quaisquer ações impressas sobre a paisagem, intervenções urbanas, políticas públicas habitacionais, obras de infraestrutura, apropriações cotidianas (como praticar esportes em praças) desencadeiam reações no próprio sistema paisagístico. Essas reações podem se manifestar como alterações morfológicas parciais ou totais, impactando não apenas a forma física da urbe, mas também os modos de uso, percepção, circulação e sociabilidade.

Dessa forma, a paisagem urbana atua como intermediária entre a sociedade e a cidade: ela é produzida socialmente, mas, ao mesmo tempo, condiciona e reorganiza práticas sociais futuras. A intervenção sobre a paisagem, portanto, não é neutra, pois gera efeitos que retroagem sobre a vida social, reconfigurando comportamentos, relações e experiências urbanas.

Em complemento a tal ideia, também se adota a perspectiva da temporalidade da paisagem de Ingold (2021) em que a paisagem não é um mero conjunto resultante de ações passadas nem um cenário estático. Trata-se de um processo vivo formado por múltiplas temporalidades, presentes e

passadas, que estão intrínsecas à paisagem, nas marcas deixadas pelos usos cotidianos, pelos usos reiterados e pelas transformações ambientais.

Ao estudar a paisagem urbana, indagamos não perante uma imagem estática, mas sim sobre um processo social que aconteceu, e ainda acontece, atravessando o habitar das pessoas que ali vivem. Onde as atividades, as práticas comunitárias e as intervenções do poder público se entrelaçam, tendo como consequência transformações no habitar, no viver e também na própria paisagem. Logo, pode-se afirmar que estamos tratando de visualidades urbanas, desenhadas na paisagem.

Conforme discutem Campos *et al.* (2018), as visualidades urbanas constituem formas de produção de sentidos sobre a cidade. Mais do que simples imagens, elas correspondem a modos de ver e representar os espaços urbanos, sendo atravessadas por relações de poder, disputas simbólicas e diferentes experiências do habitar. Nessa perspectiva, Campos (2016) traz que os regimes de visibilidade organizam aquilo que pode ser visto e reconhecido socialmente, ao mesmo tempo em que produzem processos de invisibilização. Tornar algo invisível não significa apenas ocultá-lo do olhar, mas negar sua existência social, relegando determinados sujeitos, territórios e experiências às margens da cidade. Se a paisagem é a ordem que se faz visível, segundo Besse (2006), argumenta-se que também se trata da ordem que é tornada invisível.

Ademais, também nos apropriamos da abordagem conceitual de Malta, em que o autor aponta que “A paisagem ordena socioespacialmente a estrutura urbana, conforma relações sociais do poder político, do poder econômico e de diferenças culturais.” (Malta, 2017, p. 100). “Podemos entender os arranha-céus e os projetos de habitação popular como paisagens do poder. Essas paisagens são um texto visível das relações sociais, separando e estratificando atividades e grupos sociais, incorporando e reforçando as diferenças” (Zukin, 2000, p. 106 *apud* Malta, 2017, p. 100). Já o que tensiona estas relações de poder, o que normalmente é associado a algo negativo, desordenado, desafiadores das normas de urbanização e planejamento, são as contrapaisagens; no caso do Rio de Janeiro, ilustrado pelos morros ocupados por favelas, a inversão cultural da paisagem do poder, da visualidade dominante (Malta, 2017).

Essa compreensão é particularmente relevante para a análise das políticas habitacionais voltadas às favelas. A remoção desses assentamentos não implica apenas uma transformação física da paisagem, mas também a produção de novas visualidades urbanas. Ao substituir a favela por conjuntos habitacionais, de caráter padronizado, ordenado e, teoricamente, digno, constrói-se uma imagem de ordem, progresso e modernização, enquanto as memórias, os vínculos sociais e as territorialidades constituídas anteriormente tendem a ser invisibilizados. Nesse sentido, as visualidades produzidas pelas políticas públicas representam também a cidade, participando ativamente da definição de quais espaços e modos de vida merecem reconhecimento e quais devem desaparecer, as paisagens e contrapaisagens (Malta, 2017).

Logo, este artigo analisa e busca responder como uma política pública habitacional do município de Campos dos Goytacazes/RJ, ancorada em remoções, como é o caso da remoção das famílias da favela Inferno Verde, que foi demolida para dar lugar a um conjunto habitacional popular vertical, onde as famílias foram realocadas, reconfigura a paisagem urbana e suas visualidades, produzindo novos regimes de sociabilidade e de existir cidadão. Assim, elegemos o Círculo Cultural como uma metodologia que, além de ser capaz de acessar subjetividades, narrativas e imagens, é, segundo o autor, uma experiência antropológica que se estrutura na produção de conhecimento compartilhado com as pessoas, em interações e trocas, no movimento dialético de atenção para as imagens (Dantas, 2021).

Este artigo resulta das atividades realizadas no projeto de extensão Políticas Públicas e a Espera: Ações para garantia de direitos em conjuntos habitacionais, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), vinculado à Coordenação de Extensão do Centro de Ciências do Homem (CooEx-CCH) da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica; a pesquisa de campo e ações junto às famílias afetadas, realizadas no âmbito do referido projeto de extensão.

As atividades de campo se desdobraram por um longo período, iniciando-se em 2013, logo após a remoção das famílias, em 2012. À época, o trabalho de campo era parte da pesquisa de mestrado de Falcão (2015). A pesquisadora se inseriu no campo, semanalmente, encontrando 34 famílias removidas da favela que estavam morando em aluguel social, no entorno da antiga favela, acompanhando de perto a construção do conjunto. Desse modo, a investigadora estabeleceu interações e vínculos com essas pessoas e familiaridade com o território.

Seu objetivo foi identificar se durante o período de espera daquele grupo pela nova moradia, se conformou um “território da espera” conforme definido por Vidal *et al.* (2011): “os territórios da espera designam especificamente os espaços destinados voluntariamente ou servindo involuntariamente a pôr em espera populações deslocadas ou em deslocamento. Há, por conseguinte, uma dimensão coletiva necessária”.

Após a conclusão do mestrado, a professora orientadora deu continuidade à pesquisa. Em 2017, a construção já estava concluída, mas ainda não havia sido entregue. Foi quando se iniciou o projeto de extensão. A inserção no território continuou a ser intermediada pela principal interlocutora da pesquisa, a moradora Sharlene, cuja atuação sempre foi ativa desde o primeiro contato com Falcão (2015). O acompanhamento das famílias se dá no conjunto habitacional, a partir de 2018, quando este é entregue pelo poder municipal, cujo prefeito era Rafael Diniz (2017-2020).

As atividades de contato, entrevistas, participação em reuniões da associação de moradores, rodas de conversa, apresentações de slides sobre a história do bairro contendo imagens de antes e após a remoção, exposições fotográficas com imagens do acervo do projeto e captadas pelas crianças moradoras, exibição de filmes ou documentários concernentes à problemática e observações diretas ocorreram semanalmente, principalmente aos sábados ou em determinadas circunstâncias, mais de uma vez por semana, inclusive à noite. De 2020 a 2021, devido à pandemia de Covid-19, as atividades presenciais cessaram, porém o contato se manteve de forma on-line, por meio de grupos de mensagens automáticas e *lives*. A partir de 2022, as atividades presenciais são retomadas e se mantêm até o momento atual, tendo como principal objetivo, desvelar os efeitos da remoção, o cotidiano familiar e os desafios do existir citadino dessas famílias neste novo contexto.

A partir destas experiências no decorrer do acompanhamento das famílias da favela Inferno Verde, assim como da compreensão da potência das imagens como elemento de ignição de narrativas, palavras, textos que, segundo Dantas (2021), é delas que se dá a leitura e escrita do mundo. Em referência direta a compreensão de paisagem de Besse (2014), foi adotada também a experiência antropológica compartilhada, na forma do círculo cultural.

AS FAMÍLIAS DA FAVELA INFERNO VERDE E A QUESTÃO HABITACIONAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Este estudo ocorreu em Campos dos Goytacazes, situada ao norte do Estado do Rio de Janeiro, cidade média com aproximadamente de 500 mil habitantes (figura 1). O município já desempenhou um importante papel na economia brasileira (entre os séculos XVIII e XX) pela sua pujante indústria sucroalcooleira. Hoje, faz parte da Bacia de Campos, uma das maiores produtoras de petróleo e gás do País.

Figura 1: Localização do município de Campos dos Goytacazes.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

A favela Inferno Verde localizava-se no bairro da Lapa, situado no distrito sede, em uma área contígua ao centro urbano (figura 2) e próxima ao Rio Paraíba do Sul, em que a favela ficava especificamente na esquina da Rua Miguel Herédia com a Avenida Adão Pereira Nunes.

Figura 2: Mapa do bairro Lapa, polígono formado pela Rua dos Goytacazes (aresta esquerda), Rua Miguel Heregia (aresta direita), Av. 7 de Setembro (aresta inferior) e Av. Nelson de Souza (aresta superior).



Fonte: Centro de Informações e Dados de Campos – CIDAC (2018)

Essa localização estratégica (figura 3) já evidencia uma contradição recorrente nas cidades brasileiras: a presença de assentamentos precários em áreas valorizadas do ponto de vista urbano, mas historicamente negligenciadas pelo poder público. A proximidade com o centro e com importantes eixos de circulação conferia aos moradores acesso facilitado a serviços e postos de trabalho, ainda que em condições habitacionais marcadas pela informalidade e pela precariedade.

Figura 3: Visão aérea do bairro da Lapa, Igreja Nossa Senhora da Lapa à frente.



Fonte: César Diniz, disponível em <https://shre.ink/5W6E> (2019)

Segundo relatos dos moradores, as primeiras ocupações da favela Inferno Verde ocorreram nos idos dos anos 1960, em função das oportunidades de emprego oriundas da fábrica de tecidos Cia. de Fiação e Tecelagem Campista, inaugurada em 1885, no bairro da Lapa (figura 4). O aumento do número de moradores criou a necessidade de instaurar uma infraestrutura básica no local, que era muito precária. Relatos dos moradores mais antigos dão conta de que, no início da ocupação, as casas eram todas de madeira (barracos), desprovidas de água e energia (figura 5) (Falcão e Faria, 2016).

Figura 4: Fábrica de tecidos Cia. de Fiação e Tecelagem Campista.



Fonte: Acervo próprio (2022)

Figura 5: Visão Aérea da favela Inferno Verde, marcada em polígono vermelho.



Fonte: *Google Earth* (2010). Alterado pelo autor.

No final de 2012, em consequência das obras do Bairro Legal no bairro da Lapa, os moradores foram removidos e a favela Inferno Verde foi completamente destruída (figura 6) (Falcão e Faria, 2016). A demolição das casas, iniciada em 2012, inaugurou um período prolongado de incerteza para as famílias removidas. Embora o reassentamento estivesse previsto para ocorrer no mesmo local, por meio da construção do conjunto habitacional, a conclusão das obras levou aproximadamente seis anos. Esse intervalo produziu um estado de espera prolongada, um território da espera, no qual os moradores permaneceram em aluguel social ou em soluções habitacionais provisórias, experienciando a fragmentação de suas redes de vizinhança e a instabilidade cotidiana.

Figura 6: Demolição da Favela Inferno Verde.



Fonte: Acervo próprio (2016)

As remoções forçadas configuram violação de diversos direitos humanos e acarretam profundas mudanças nas formas de vida das populações atingidas, ao romperem a continuidade das dinâmicas específicas previamente estabelecidas entre os moradores e seus territórios, além de intensificarem a segregação e as desigualdades socioespaciais. Ademais, tais processos não impactam apenas o cotidiano dos indivíduos, mas também comprometem as relações sociais e comunitárias construídas nos espaços submetidos à intervenção (Falcão e Faria, 2016).

As políticas no setor de habitação podem ser implementadas como uma tentativa de “amenizar” a crítica situação urbana atual, caracterizada por expansão e adensamento desordenados, déficit habitacional e favelização. Independente dos interesses que as motivam, a forma como essas políticas habitacionais vêm sendo implantadas, em muitos casos, não condiz com uma política de ordenamento territorial que permita à população alvo do processo de intervenção usufruir dos serviços que a cidade dispõe, pois constroem conjuntos habitacionais em áreas distantes dos centros urbanos, desprovidas de infraestrutura básica (Falcão e Faria, 2016).

Esse caráter intervencionista sobre o espaço e sobre as populações que nele vivem tem se mostrado recorrente nas ações do programa Morar Feliz, por meio das quais moradores de distintas favelas vêm sendo compelidos pelo poder público municipal a deixar suas residências e a se instalar em conjuntos habitacionais populares edificadas em áreas periféricas, social e economicamente segregadas; O caso da Inferno Verde difere neste sentido, pois o conjunto habitacional foi construído no mesmo local da antiga favela.

Após anos de espera, o conjunto habitacional João Batista¹ foi inaugurado em 2018. As famílias receberam as chaves de seus apartamentos (figura 7), marcando um novo momento, agora marcada por desafios cotidianos. A adaptação à vida em condomínio exige o aprendizado de normas, regras e responsabilidades coletivas, muitas vezes distantes das práticas anteriores de moradia horizontal. Questões simples como onde secar roupas, o uso dos espaços comuns ou a gestão condominial, tornam-se centrais na construção de um novo habitar a paisagem.

Figura 7: Inauguração do conjunto habitacional João Batista.



Fonte: Acervo próprio (2018)

1 João Batista é o nome de um dos primeiros comerciantes da antiga favela que foi homenageado.

Assim, o processo da favela Inferno Verde ao Residencial João Batista explicita uma dinâmica socioespacial complexa, atravessada por deslocamentos forçados, longos períodos de espera, conflitos, mobilizações e, finalmente, pela reconstrução do cotidiano em um novo ambiente construído. Mais do que uma mudança física, trata-se de uma transformação profunda nas relações entre sujeitos, a paisagem e o poder, evidenciando os limites e as potencialidades das políticas habitacionais quando confrontadas com a vida real de seus beneficiários

O projeto de extensão, que acompanhou essas diferentes etapas, agora se vê voltado para esta nova realidade, buscando compreender os impactos acometidos àqueles sujeitos. O lugar que habitavam se transformou completamente, e com isso, trouxe diferentes reações, vivências e perspectivas sobre o existir naquele recorte da paisagem.

Logo, partindo do referencial teórico adotado, nota-se a possível formação de nova visualidade, em que a contrapaisagem da favela Inferno Verde foi materialmente invisibilizada; afinal, a falta de infraestrutura, de ordem, o padrão construtivo associado à precariedade, mal-estar e pobreza não atendiam aos padrões que o poder municipal desejava expor como parâmetro de política pública habitacional. Visava-se uma imagem da prefeita Rosinha Garotinho como “salvadora”, e para isso, era preciso realocar aquelas famílias para novas moradias, que seriam vistas como dignas, socialmente lidas como decentes, alinhadas ao que se entende como parte de uma vida bem-sucedida.

A partir destas indagações, idealizou-se a realização do Círculo Cultural, para dar protagonismo e voz àqueles pessoas, por meio do contato com as visualidades novas e antigas do bairro, da paisagem, da contrapaisagem e de todo o processo que viveram.

O CÍRCULO CULTURAL

Círculo Cultural advém do trabalho realizado para Dantas (2021), em tese de doutorado, considerado pelo autor uma experiência antropológica compartilhada. O autor explica que a atividade tem sua inspiração na prática freiriana dos círculos de cultura, porém estes voltados para a alfabetização de adultos em países africanos, especialmente São Tomé e Príncipe. Tratava-se de uma prática pedagógica voltada à emancipação de sujeitos, um espaço teórico-prático de produção de conhecimento, fundamentado na valorização das práticas cotidianas, dos saberes populares e da integração entre corpo, trabalho e intelectualidade. (Dantas, 2021)

O trabalho de Dantas também se deu em São Tomé, e na forma do círculo cultural é proposto um alargamento conceitual, em que já não há mais o intuito de alfabetização crítica, mas sim a produção coletiva de sentidos, narrativas, imagens e saberes, por meio da escuta e da partilha de subjetividades emancipadas pelas imagens.

O Círculo de Cultura em São Tomé e Príncipe propunha, de partida, uma leitura crítica do mundo através da imagem, feita em desenho e fotografia, para daí passar à letra e à palavra. Foi exatamente este fator que me fez pensar na pesquisa com imagens, bem como nas narrativas visuais dentro desta tese, por imagens, para compor as palavraimagem e imagens-mundo. [...] para tentar, colaborativamente, fazer uma tese não sobre, mas com as pessoas, com o mundo e no mundo (Dantas, 2021)

A atividade consiste na seleção de imagens, divididas em categorias definidas pelo pesquisador. Estas fotografias devem ser de número equilibrado, não havendo um número mínimo ou máximo, mas devendo haver cuidado para não haver fadiga por excesso de informação. As imagens devem

ser impressas e coladas em material rígido que facilite o manuseio. Em sequência, estas imagens devem ser dispostas sobre uma mesa ou móvel em que fiquem visíveis, sem qualquer tipo de distinção categórica ou legenda visível (Dantas, 2021).

Em sequência, deve ser pedido aos sujeitos participantes da experiência antropológica que escolham de uma a três imagens e expliquem o porquê de sua escolha. Este momento tem potencial enorme de, por meio da imagem, elucidar novas experiências, sensações e emoções antes veladas. Por fim, é pedido que os participantes dividam as imagens em três categorias: presente, passado e futuro (Dantas, 2021).

Considerando o estudo da paisagem urbana e seus desdobramentos, a prática é de enorme potencial. A partir da visualidade, um ponto-chave da paisagem, outras dimensões se desdobram, conectadas por meio de narrativas orais dos sujeitos que se relacionam com aquela paisagem. As diferentes perspectivas do que é viver aquela paisagem, quais atividades, quais laços foram criados, quais foram desfeitos, os impactos das transformações no decorrer do tempo, e também a própria complexidade da temporalidade da paisagem se demonstram na forma da compreensão de que imagens do passado podem representar não somente o passado, mas também o presente e o futuro.

Portanto, dado o contexto dos moradores do Residencial João Batista, propôs-se a realização do Círculo Cultural com este grupo. A equipe de bolsistas do projeto de extensão, sob a orientação da professora coordenadora, iniciou o trabalho com a seleção das imagens a serem expostas. Cada bolsista ficou encarregado de sugerir no mínimo cinco fotos, que, por fim, foram selecionadas em seis categorias: instituições, feridas da remoção, tempos de espera, práticas culturais, práticas esportivas, e práticas sociais coletivas. A partir deste conjunto diverso de imagens, acreditava-se que seria possível entender a relação daquele grupo com seu bairro, seu cotidiano e suas (novas) formas de habitar.

Os eixos selecionados para a escolha das fotografias foram orientados pela compreensão de que as imagens mobilizadas no Círculo Cultural não constituem apenas registros documentais da antiga favela ou do processo de remoção, mas também expressam visualidades e paisagens capazes de evidenciar dimensões da experiência urbana frequentemente invisibilizadas pelas políticas habitacionais. Assim, as categorias contemplaram desde as instituições presentes na paisagem cotidiana da Lapa até o processo de remoção, o período de espera pela moradia definitiva, as novas formas de habitar e as práticas culturais, esportivas e coletivas que marcaram a apropriação da paisagem depois da mudança para o Residencial João Batista.

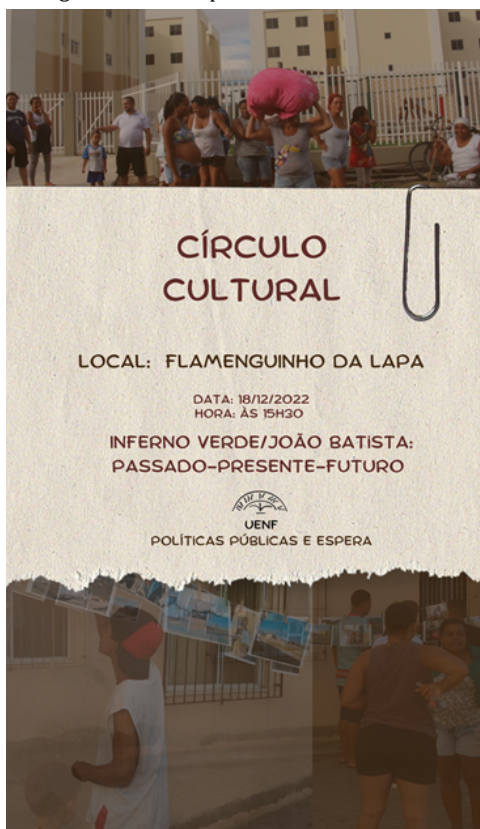
Em diálogo com Campos (2016), buscou-se tensionar os regimes hegemônicos de visibilidade, que organizam o que é visto, reconhecido e valorizado socialmente. As fotografias utilizadas no Círculo Cultural foram, portanto, concebidas como dispositivos capazes de produzir outras visualidades sobre a Lapa, a antiga favela Inferno Verde e o conjunto habitacional João Batista. Em contraste com as visualidades frequentemente difundidas pelas políticas habitacionais de remoção, que tendem a associar a favela à precariedade e à necessidade de substituição, as imagens apresentadas aos participantes evidenciavam o bairro como espaço de pertencimento, memória e sociabilidade, dimensões que foram violentadas pela política habitacional. Desse modo, buscou-se trazer ao campo do visível, experiências, afetos e práticas espaciais que foram invisibilizados pelo processo de remoção e pela produção de uma nova paisagem urbana.

Essa perspectiva também dialoga com a noção de contrapaisagem proposta por Malta (2017), em que as fotografias da igreja, do rio, das instituições locais, das práticas esportivas e das formas de

sociabilidade procuraram evidenciar dimensões da antiga favela que escapam às representações hegemônicas de precariedade, contrapondo a ideia de ordem trazida por projetos de requalificação urbana pautados no valor de troca e na valorização do capital atrelado à paisagem, assim como, reafirmando as condições de paisagem vivida e atrelada à produção de vínculos sociais.

O convite aos moradores do conjunto ocorreu de forma presencial e virtual. Foi elaborada a arte de divulgação (figura 8) que foi divulgada no grupo de *WhatsApp* do residencial, assim como os bolsistas imprimiram o convite e distribuíram de porta em porta nos blocos do conjunto habitacional. O círculo cultural aconteceu no dia 18/12/2022 no Flamenguinho da Lapa, clube localizado no mesmo quarteirão do residencial, com atividades tradicionalmente frequentadas pelos moradores do conjunto habitacional.

Figura 8: Convite para o Círculo Cultural.



Fonte: Acervo próprio (2022)

Ao todo, 11 pessoas participaram do círculo cultural; o grupo era diverso e possuía moradores mais jovens e mais antigos, que já moravam ali desde antes da demolição da favela Inferno Verde. Tal característica torna a atividade mais interessante, pois era possível entender perspectivas diferentes sobre o mesmo processo socioespacial, baseadas na experiência individual e comunitária.

A atividade aconteceu num dos últimos domingos do ano. De forma inusitada, o clima de Natal se misturava com as comemorações da Copa do Mundo e com o fim do ano. Era um domingo nublado, com cara de chuva ao fim da tarde, como havia acontecido nos dias anteriores. Seguindo a metodologia de Dantas (2021), após a disposição das imagens, foi pedido que cada um escolhesse uma

imagem e falasse sobre o porquê de sua escolha (figura 9). Porém, na dinâmica, essa rigidez se perdeu; os moradores passavam o olhar por diversas imagens, e falavam sobre elas de forma livre, muitas vezes ao mesmo tempo, o que era levemente caótico, mas demonstrava a enorme riqueza do recurso imagético.

Figura 9: Início do Círculo Cultural.



Fonte: Acervo próprio (2022)

Os relatos foram divididos em três eixos de análise: memória e identidade territorial, rupturas simbólicas e novas e velhas visualidades. Destacamos que, em todos os eixos, em diversos relatos, as emoções transbordavam; quaisquer normas de expressão eram expurgadas de forma dinâmica, crua e humana. Ainda tentamos manter o método original, mas a riqueza do movimento espontâneo dos moradores se sobrepôs em diversos momentos; nos colocamos como ouvintes mais atentos para captar qualquer fala motivada pelo contato com as imagens. A timidez de expor seus pensamentos de forma isolada se perdia quando cada um falava em meio à fala dos outros, o que trouxe um maior número de perspectivas.

No primeiro eixo, memória e identidade, houve a priorização das narrativas vividas para além da favela, no bairro da Lapa Campista, em que elementos simbólicos, institucionais foram ignantes de emoções, narrativas passadas e da evidência do sentimento forte de pertencimento ao território. Uma das moradoras, de 47 anos, não conteve o choro ao ver a Fundação Municipal da Infância e Juventude (FMIJ) (figura 10), depois de um tempo sem conseguir expressar palavras, explicou que se lembrou da época que estudou lá, dos 11 aos 20 anos, dos muitos cursos que fez, que recebia bolsa para estudar, assim como fazia todas as refeições na escola, que sua juventude se passou naquele lugar, e de lá tem boas lembranças.

Figura 10: Participante emocionada com a imagem da FMIJ.



Fonte: Acervo próprio (2022)

A mesma moradora, em momento posterior, também compartilhou parte de sua história com a Igreja Nossa Senhora da Lapa (figura 11), onde funcionou o asilo para meninas, orfanato e escola profissionalizante, dizendo que sua avó havia deixado sua mãe para ser criada pelas freiras, e quando sua mãe teve a primeira filha, sua irmã mais velha, a avó também colocou a menina no internato com as freiras, porém ela foi expulsa por ter desrespeitado uma das freiras, puxando-lhe o véu. Demonstra-se aqui um laço entre os moradores e a região da Lapa, não somente entre a antiga favela e o conjunto habitacional.

Figura 11: Altar da Igreja Nossa Senhora da Lapa.



Fonte: Acervo próprio (2022)

Outro morador, de 20 anos, ao início da atividade, pegou a foto do time do Goytacaz Futebol Clube² (figura 12) interessado em quem eram os jogadores. Logo após, ele contou sua trajetória até chegar à Favela Inferno Verde, pois já havia morado em muitos bairros, até se estabelecer ali, na época ainda criança. Também relatou que, ao ver a foto da enchente (figura 13), nos momentos em que faltava água na favela, os moradores iam buscar água no Rio Paraíba do Sul, e na beira do rio lavavam suas roupas; com essa mesma água que pegavam no rio fazia-se café, escovavam os dentes, bebiam, tomavam banho, etc.

Figura 12: Foto do time do Goytacaz Futebol Clube de 1978.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Figura 13: Cheia do Rio Paraíba do Sul, causando enchente na Lapa.

Ao fundo da imagem, a Igreja Nossa Senhora da Lapa e um edifício de apartamentos contrastante com a paisagem.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

2 O Goytacaz Futebol Clube é um clube esportivo tradicional de Campos dos Goytacazes, cujo estádio-sede Ary de Oliveira fica nas proximidades do bairro Lapa, onde se situa o conjunto habitacional João Batista.

Outro relato foi dado por uma jovem moradora do bairro, não do residencial, que optou por participar da atividade. Tinha 15 anos e era muito participativa. A jovem relata que conhece todos do conjunto habitacional, sendo considerada pelo grupo parte da comunidade. A jovem deu pequenos relatos a partir de diferentes fotos do bairro, da padaria local, do jogo de queimado das crianças, do próprio batismo na Igreja Nossa Senhora da Lapa e, principalmente, do registro da manifestação pela entrega dos apartamentos, realizada pelos moradores insatisfeitos com a longa espera de cinco anos (figura 14).

Figura 14: Manifestação pela entrega das chaves dos apartamentos no conjunto habitacional.



Fonte: Acervo Próprio (2017).

Aqui, os relatos se alinham com o segundo eixo de análise: Rupturas Simbólicas, em que os integrantes se referem principalmente às vivências que tinham na favela e a como as práticas comunitárias que aconteciam nela, hoje já não existem mais, foram ceifadas pelo processo de remoção e realocação.

Um relato de uma antiga moradora, na época do círculo com 53 anos, disse que foi uma das primeiras moradoras do local, passando por todo o processo de vivência da favela, a remoção, a espera pelo residencial e agora a vivência do conjunto habitacional. A imagem que escolheu retrata a antiga favela, com antigos moradores e casas (figura 15).

Figura 15: Antiga favela Inferno Verde.



Fonte: Google Earth (2022).

As emoções invadiram sua fala ao rememorar o responsável pelo comércio, que havia participado de todo o seu processo de crescimento e a havia ajudado muito, bem como à sua família. Assim como a presença de Dona Sônia, senhora muito presente na comunidade. Ambos faleceram há alguns anos.

Em sequência, outra imagem da antiga favela Inferno Verde despertou o relato de uma antiga moradora, na época com 35 anos, que se tratava da foto de uma casa de porta amarela com uma placa “pintor e jatista”. A placa era do tio dela, que trabalhava como pintor (figura 16).

Figura 16: Antiga Favela Inferno Verde.



Fonte: Acervo próprio (2022).

A casa ao lado era de sua avó e sua casa, onde morava com os pais, nos fundos. Ela disse que até os oito anos de idade via a rua por cima do muro pois seus pais não a deixavam sair, a casa tinha acesso pela rua. Em seguida, comentou que, quando fez 20 anos, engravidou e foi morar com o marido no “corredor” (acesso a barracos internos da favela que não tinham acesso a rua) no barraco que o padrinho havia comprado para ela. A residente ficou feliz em ver uma foto que mostrava a casa de seus familiares e ficou com a foto para si, neste momento vociferou “a gente era feliz e não sabia”, o que teve a concordância de todos os que haviam vivenciado a favela.

Certo tempo depois do início do círculo cultural, um novo participante chegou e logo se integrou à atividade, disse que era o mais antigo entre os presentes e que morava na favela desde setembro de 1976, com 64 anos, viu uma foto de si mesmo fazendo a sua mudança para o residencial no carrinho de mão emprestado do vizinho (figura 17), relatou como era um momento de felicidade pela nova casa, mas ainda assim com dificuldades, em seguida todos lembraram de como foi a mudança, uma disse que fez num carrinho de bebê, outra num carrinho de supermercado, cada um usou o que tinha para conseguir finalmente se mudar para sua nova casa.

Figura 17: Mudança dos antigos moradores da favela Inferno Verde ao Residencial João Batista.



Fonte: Acervo Próprio (2018)

Por fim, no último eixo, novas e velhas visualidades, fica evidenciado o impacto da vivência atual naquele grupo, em que a imposição da paisagem de ordem, trouxe na verdade um espaço de isolamento, de insegurança e até descontentamento. Um relato diferenciado veio de uma mulher de 31 anos, que ao escolher a foto do residencial atualmente disse que ninguém merecia morar ali, procedeu relatando que sua experiência é muito ruim, marcada pela violência dos vizinhos e do tráfico de drogas que tomou o pátio comum.

Também neste eixo um segundo momento do círculo cultural, em que solicitamos que dividissem as imagens entre presente, passado e futuro (figura 18). Grande parte das fotos foi colocada em passado, por serem antigas, outra parte em presente, porém a escolha do futuro foi interessante pois foi escolhida uma foto da antiga favela, seguida pela seguinte fala “na favela vivíamos em paz, éramos uma família e nos ajudávamos, é isso que quero para o futuro, ser feliz como era antes”.

Figura 18: Presente, Passado e Futuro no Círculo Cultural.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Nesse momento, fica claro o impacto comunitário da transformação daquela paisagem, antes favela, agora conjunto habitacional, realizada de forma autoritária pela prefeitura do município, pautada num viés higienista. As casas, ou barracos, apesar de terem condições precárias, e serem entendidas como degradantes, na verdade nutriam laços de solidariedade que foram se desfazendo com as subsequentes interferências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das medidas do programa habitacional Morar Feliz junto aos moradores da favela Inferno Verde, a sua remoção, demolição de suas casas e realocação no Conjunto Habitacional João Batista, nota-se uma reconfiguração hostil e autoritária da paisagem urbana. Este processo produziu novas visualidades, novos regimes de sociabilidade e de existência. Isso reforça a compreensão de que as intervenções na paisagem urbana não se limitam à sua materialidade física, mas impactam num sistema vivo, atravessado por temporalidades múltiplas, relações sociais, memórias, afetos e práticas sociais.

As políticas habitacionais, quando orientadas por uma lógica de reprodução de ideais de ordem pautados no capital e meramente tecnocrática, tendem a operar sobre a paisagem urbana como se esta fosse apenas um suporte físico passível de correção, o que é comumente repassado como limpeza ou modernização. Neste caso, a Inferno Verde foi vista pelo poder público como somente um espaço insalubre, a contrapaisagem cuja reforma se justificaria pela necessidade de requalificação. No entanto, a pesquisa de campo realizada por meio do projeto de extensão e, de forma culminante, pelo Círculo Cultural, revelou que, havia dimensões invisíveis para além da preca-

riedade infraestrutural do território, era também um espaço repleto de significados, relações de vizinhança, de solidariedade e um ambiente de grande pertencimento comunitário.

O contato com imagens da antiga favela, do bairro da Lapa e do conjunto habitacional, despertou relatos fortes, capazes de demonstrar que a transformação da paisagem implicou numa mudança morfológica, mas também, numa ruptura profunda na forma de habitar a paisagem e nas interações entre os moradores. O processo de espera já implicou numa ruptura que poucos venceram, diversos moradores não retornaram para o conjunto habitacional, outros faleceram durante a espera. A mudança imposta para a unidade residencial multifamiliar padronizada exigiu a adaptação a novas normas, regras e formas de convivência, muitas vezes incompatíveis com as práticas sociais já consolidadas. Nesse processo, laços comunitários foram enfraquecidos ou desfeitos, e sentimentos de perda, nostalgia e deslocamento emergiram de forma recorrente.

Logo, o Círculo Cultural mostrou-se uma metodologia potente para acessar dimensões subjetivas da paisagem. No momento em que os próprios moradores narram suas experiências a partir das imagens, a prática revela como passado, presente e futuro se entrelaçam. A escolha de imagens da antiga favela como representação do futuro evidencia que a noção de progresso tradicional não coincide, necessariamente, com as expectativas e valores dos sujeitos diretamente afetados pela intervenção.

Dadas as limitações de se classificar um conjunto habitacional com famílias em vulnerabilidade como paisagem representante do poder, neste contexto, o aspecto formal do mesmo o ressalta como tal. Portanto, urge a necessidade de repensar as políticas públicas habitacionais a partir de uma abordagem que não se limite à erradicação do que é considerado sujo, insalubre ou informal, ou uma contrapaisagem. É preciso enxergar esses espaços como locais vivos e pungentes, e não somente como pontos a serem corrigidos a partir de uma lógica burguesa capitalista.

É fundamental que seja incorporada a compreensão do intangível presente na paisagem urbana: as memórias coletivas, os vínculos comunitários, e o sentimento de pertencimento construído ao longo do tempo. A desconsideração dessas dimensões tende a comprometer a efetividade das ações estatais, enquanto políticas que atendem, prioritariamente, os interesses dos moradores envolvidos, e não grupos imobiliários. Podendo acarretar em novas formas de vulnerabilidade social, conflitos cotidianos e sentimentos de não pertencimento, o que pode levar ao posterior abandono da nova residência.

Por fim, aponta-se que a simples provisão de moradias adequadas do ponto de vista infraestrutural não é suficiente para declarar a efetividade de uma política pública habitacional. É preciso também considerar os laços comunitários, muitas vezes rompidos por processos de remoção e realocação. Ao reconhecermos a paisagem urbana como um sistema social e simbólico, é preciso assumir que intervir sobre ela é também intervir sobre modos de vida. Assim, políticas públicas, neste caso, habitacionais que pretendam ser verdadeiramente inclusivas e democráticas devem ouvir o público-alvo, articular dimensões materiais e imateriais do habitar, promovendo não apenas a melhoria das condições habitacionais, mas a manutenção de comunidades.

AGRADECIMENTOS

Às agências de fomento que contribuíram para a realização da pesquisa: CAPES, FAPERJ e UENF. À colega bolsista de extensão UENF Larissa Santos e às colegas bolsistas da Universidade Aberta Márcia Lima, Camila Silva e Millena Manhães, que contribuíram imensamente durante a preparação e execução do Círculo Cultural, possibilitando-o. Ademais, agradecemos à Ednilson Gomes de Souza Júnior, bolsista de Pós-doutorado PPGPS/SeCEU-LEEA/CCH/UENF pela contribuição na filmagem do Círculo Cultural.

FINANCIAMENTO

CAPES, FAPERJ e UENF.

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. **GEOgraphia**, Niterói, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 2010. DOI: 10.22409/GEOgraphia2006.v8i15.a13517. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13517>. Acesso em: 20 jan. 2026
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234 p.
- CAMPOS, Ricardo; ECKERT, Cornelia; BARBOSA, Andrea. Sobre as visualidades urbanas. **Vista**: Revista de Cultura Visual, [S. l.], n. 3, p. 8-16, 2018. DOI: 10.21814/vista.3024. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3024>. Acesso em: 28 jun. 2026
- CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e invisibilidades urbanas. **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 49-76, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revciensio/article/view/5677>. Acesso em: 28 jun. 2026
- CIDAC. **Perfil dos Bairros**. Campos dos Goytacazes: CIDAC, 2018. Disponível em: <https://cidac.campos.rj.gov.br/perfil-Bairros/#p=64>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- DANTAS, Emiliano Ferreira. **A imagem enquanto leitura e escrita do mundo: leveleve** e a ferida colonial em São Tomé. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE, Lisboa, Portugal, 2021. 287 p. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/entities/publication/eea37d1a-45f0-4226-b8e2-6e4989af3164>. Acesso em: 20 jan. 2026
- DINIZ, Cesar. **Visão aérea do bairro da Lapa, Igreja Nossa Senhora da Lapa à frente**. 2019. Disponível em: <https://www.pulsarimagens.com.br/foto/Vista-de-drone-do-Instituto-Profissional-e-Igreja-Nossa-Senhora-da-Lapa---ao-fundo-moradias-no-centro-da-cidade-e-Bairro-Lapa---?assunto=Vista-de-drone-do-Instituto-Profissional-e-Igreja-Nossa-Senhora-da-Lapa---ao-fundo-moradias-no-centro-da-cidade-e-Bairro-Lapa---&procurar=Igreja%20Nossa%20Senhora%20da%20Lapa&codigo-imagem=26CD726&codigo=404123&pagina=1&posicao=0&ordenar=1&tipo=&direito-imagem=&autorizacao-imagem=&depois-ano=&anterior-ano=&orientacao=&tipo-video=&autor=&pais=&estado=&cidade=2301009®iao=>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- FALCÃO, Daiana de Azevedo. **A espera de morar feliz entre a remoção e o reassentamento do Programa Habitacional Morar Feliz, um território da espera**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) – Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2015. 111 p. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/10/DAIANA-DE-AZEVEDO-FALCÃO.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2026
- FALCÃO, Daiana de Azevedo; FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. As políticas públicas criam territórios da espera? O caso do programa Morar Feliz da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (RJ-Brasil). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S. l.], 2016. DOI: 10.4000/nuevomundo.69727. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/69727>. Acesso em: 28 jun. 2026
- GOOGLE. **Visão Aérea da favela Inferno Verde, marcada em polígono vermelho**. Imagem de satélite de 2010. [S.l.]: Google Earth, 2010. Disponível em: [google.com](https://www.google.com). Acesso em: 10 jan. 2026.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. *In*: BESSA, Altamiro Sérgio Mol. (Org.). **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021. p. 110-157.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 143 p.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999. 148 p.

MALTA, Eder. Consumindo Paisagens: Patrimônio Cultural, Turismo e Enobrecimento Urbano no Rio de Janeiro. **Revista TOMO**, [S. l.], 2017. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.7650. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/7650>. Acesso em: 23 jun. 2026.

VIDAL, Laurent; MUSSET, Alain; VIDAL, Dominique. Sociedades, mobilidades, deslocamentos: os territórios da espera. O caso dos mundos americanos (de ontem a hoje). **Confins**, [S. l.], n. 13, 2011. DOI: 10.4000/confins.7274. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/7274>. Acesso em: 28 jun. 2026.

Abstract
Key-Words

Urban Landscape and the Urban Existence: the cultural circle as reading and building visualities and subjectivities in Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro

Abstract

Social housing policies in the Brazilian urban context have been guided by a technocratic and hygienist logic that disregards the social, symbolic, and affective dimensions of urban landscapes. This article analyzes the effects of a housing policy on ways of inhabiting and existing in the city, based on the removal of the Inferno Verde favela and the relocation of its residents to the João Batista Housing Complex, in Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brazil, a process that reconfigured the urban landscape. The research adopts a qualitative approach, combining bibliographic review, participant observation, and shared anthropological experience, developed within the scope of a university extension project. The Cultural Circle, inspired by Emiliano Dantas and Paulo Freire's Culture Circle, was used to access residents' narratives and perceptions through images of the transforming urban landscape. The results indicate ruptures in community bonds and difficulties in territorial appropriation, revealing a mismatch between institutional policy and local lived experiences.

Keywords: cultural circle; urban landscape; social housing policies; sociability; urban interventions

Resumen
Palavras Clave

El Paisaje Urbano y el Existir Ciudadano: el círculo cultural como lectura de visualidades y subjetividades en Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro

Resumen

Las políticas públicas de vivienda en el contexto urbano brasileño han sido orientadas por una lógica técnico-higienista, que desconsidera las dimensiones sociales, simbólicas y afectivas de los paisajes urbanos. Este artículo analiza los efectos de una política habitacional sobre los modos de habitar y de existir en la ciudad, a partir de la remoción de la favela Inferno Verde y de la reubicación de sus habitantes en el Conjunto Habitacional João Batista, en el municipio de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, proceso que reconfiguró el paisaje urbano. La investigación adopta un enfoque cualitativo, articulando revisión bibliográfica, observación participante y experiencia antropológica compartida, desarrolladas en el marco de un proyecto de extensión universitaria. Se utilizó el Círculo Cultural, inspirado en Emiliano Dantas y en el Círculo de Cultura de Paulo Freire para acceder a las narrativas y percepciones de los habitantes mediante imágenes del paisaje en transformación. Los resultados indican rupturas de vínculos comunitarios y dificultades de apropiación del territorio, lo que revela un desajuste entre la política institucional y las experiencias locales.

Palabras clave: círculo cultural; paisaje urbano; políticas habitacionales; sociabilidad; intervenciones urbanas.

Histórico

Recebido: Abril/26

Primeiro Parecer: Maio/26

Segundo Parecer: Maio/26

Aceito: Junho/26

Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Julho/26

Revisado Autor: Agosto/26

Publicado: Setembro/26

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-chefe)

Laura Cintra (Editora Assistente Júnior)

Contato: revistatomo@gmail.com